Concinnitas | Rio de Janeiro | v.25 | n.48 | janeiro de 2024

DOI: 10.12957/concinnitas.2024.88636

O Estádio do Espelho das Elites[1]

Boris Groys[2]

Tradução: Davi Silva Pereira[3] e Alexandre Sá[4]

1 Tradução autorizada pelo autor em março de 2024.

2 Texto originalmente publicado em E-flux Notes. https://www.e-flux.com/notes/592580/the-mirror-stage-of-the-upper-class

3 Davi Pereira. Vive e trabalha no Rio de Janeiro. É Artista visual, performer e pesquisador; Doutor em Artes pelo Programa de Pós-graduação em Artes da UERJ, Mestre em Ciência da Arte pela UFF, Bacharel em Artes Plásticas pela UERJ. Pesquisador do Grupo de Pesquisa "A arte contemporânea e o estádio do espelho", certificado pelo CNPQ, Diretor Administrativo do Instituto de Relações Internacionais e Defesa da UFRJ, membro efetivo do Conselho do Centro de Ciências Jurídicas e Econômicas da UFRJ. Instituição: UFRJ – Instituto de Relações Internacionais e Defesa. Endereço: Avenida Pasteur 250, fundos, Campus da Praia Vermelha. CEP 22.290-902. E-mail: davi.pereira.ufrj@gmail.com ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7066-5794 ID Lattes: 9601484914171340 / http://lattes.cnpq.br/9601484914171340

4 Alexandre Sá é artista-pesquisador. Pós-doutorando em História pelo PPGH-UFF sob supervisão de Daniel Aarão Reis. Jovem Cientista FAPERJ e Procientista UERJ. Atual diretor do Departamento Cultural da UERJ. Sócio da Associação Internacional de Críticos de Arte. Sócio da Associação Nacional de Críticos de Arte. Sócio da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Artes da UERJ. E-mail: alexandresabarretto@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-7846-5145. Lattes iD: lattes.cnpq.br/0137944963846547. Niterói, Brasil

Nas últimas décadas, a noção de classe tem aparecido principalmente como parte da famosa tríade "raça, gênero, classe". Quando se observa essa tríade, tem-se a impressão de que "classe" funciona dentro da topologia social no mesmo nível que "gênero" e "raça" - que esses são os parâmetros que fixam a posição social de um indivíduo no espaço público tridimensional. No entanto, ao falar sobre classe, pensamos inevitavelmente na história da luta de classes - o conflito entre os pobres e os ricos. Qual é o objetivo dessa luta? Da perspectiva tradicional de esquerda, socialista, o objetivo da luta de classes era e ainda é a criação de uma sociedade sem classes em igualdade econômica. Isso significa que, do ponto de vista histórico, as classes deveriam desaparecer. A luta de classes pressupõe a solidariedade de classe. Entretanto, quando a luta é vencida, essa forma específica de solidariedade desaparece - porque as classes desaparecem - e a solidariedade se torna universal.

A atual tematização de raça e gênero é frequentemente explicada pela necessidade de descrever e superar uma forma específica de exploração e opressão à qual certas minorias estão sujeitas. Essa explicação é totalmente compreensível, e uma política que visa melhorar a situação das minorias merece apoio irrestrito. De fato, isso nunca foi ignorado pelos movimentos socialistas, que sempre apoiaram a emancipação das mulheres e a libertação das nações colonizadas. No entanto, há uma diferença fundamental entre a categoria de classe e as categorias de raça e gênero. As diferenças entre raças e gêneros não são históricas; elas não dependem de modos históricos específicos de trabalho e propriedade. Elas não refletem a relação externa dos corpos humanos com os meios de produção, mas estão inscritas nos próprios corpos humanos. Portanto, raça e gênero não podem ser considerados como algo que pode ou deve desaparecer no final do processo histórico. Pelo contrário, discursos teóricos e práticas artísticas contemporâneas valorizam as identidades raciais e de gênero como uma contribuição para a diversidade humana - hoje e no futuro. Essa diferença nas perspectivas históricas determina uma diferença nas políticas atuais.

A solidariedade de classe é uma solidariedade horizontal - solidariedade entre os pobres dirigida contra os ricos. Se alguém que era rico se tornar pobre, poderá contar com a solidariedade de outras pessoas pobres. Se alguém que era pobre se tornar rico, ele se tornará um inimigo de classe. Não se supõe que a divisão de classes desapareça apenas no final da história; durante o processo histórico, indivíduos e grupos sociais mudam

suas posições em relação à divisão de classes e, portanto, mudam também sua identidade de classe. Essa fluidez é impossível em relação à raça e ao gênero. Na medida em que experimento solidariedade com outros indivíduos da minha raça e gênero, não abandono minha solidariedade se eles se tornarem pobres ou ricos, já que seu gênero e raça permanecem os mesmos. Minha solidariedade atravessa a linha da divisão de classes. Portanto, pode-se dizer que, se a solidariedade de classe é uma solidariedade horizontal, a solidariedade baseada em raça e gênero é uma solidariedade vertical - pois inclui pobres e ricos, poderosos e impotentes, bem-sucedidos e malsucedidos caso pertençam ao mesmo gênero e raça.

Dessa forma, o objetivo do processo histórico começa a parecer diferente. Não se trata mais de uma sociedade sem classes, mas de uma sociedade de classes na qual a composição étnica e de gênero da classe alta reflete a composição étnica e de gênero das classes mais baixas. Tal sociedade baseia-se na solidariedade vertical entre ricos e pobres: se todas as identidades étnicas, de gênero ou, de modo mais geral, culturais estiverem presentes na mesma proporção na classe alta e nas classes baixas, o efeito cumulativo das solidariedades verticais entre os representantes dessas identidades produz uma solidariedade total entre as classes. Aqui, a classe não é mais considerada como potencialmente desaparecida no final da história. Pelo contrário, ela se torna trans-histórica, como raça e gênero. A divisão de classes entre ricos e pobres se transforma em uma linha que separa a população mais ampla de sua representação política e econômica - semelhante à linha que divide uma pessoa de sua imagem no espelho. Espelhos distorcidos são insatisfatórios porque deturpam as proporções de nosso rosto e corpo. Entretanto, quando nos deparamos com um espelho correto, não distorcido, que reflete essas proporções "como elas realmente são", ficamos satisfeitos com o espelho. Assim, a história mundial começa a se parecer com uma busca por uma classe alta que seja o espelho não distorcido das classes baixas. E o veículo dessa busca é a política de identidade.

Essa perspectiva exige que as mulheres bem-sucedidas pratiquem a solidariedade com suas irmãs menos bem-sucedidas e que as pessoas negras bem-sucedidas ajudem seus irmãos e irmãs menos bem-sucedidos. E requer que as minorias apoiem, admirem e imitem o sucesso de seus representantes ricos e proeminentes. É óbvio que essa solidariedade vertical identitária contradiz diretamente a solidariedade horizontal de classe. Quando algumas mulheres ou indivíduos negros mudam sua posição na luta de classes - enriquecendo e, portanto, passando do lado dos oprimi-

dos para o lado dos opressores -, a solidariedade horizontal dos pobres deveria excluí-los. Mas não ouvimos um apelo para tal ruptura - um chamado que seria semelhante ao apelo marxista às classes trabalhadoras dos estados-nação europeus para que rompessem a solidariedade com as classes capitalistas de suas nações.

Hoje, o sucesso de poucos começa a ser visto como a promessa de sucesso para muitos, se não para todos da mesma minoria. Começa-se a glorificar o fato de que agora uma mulher pode comandar um avião de bombardeio (sem perguntar se bombardear outras pessoas é uma boa prática). Celebra-se os representantes de minorias raciais que acumulam grandes fortunas e se tornam visíveis na mídia. Nos filmes, na TV e nos romances, apresentam-se favoravelmente as princesas e rainhas do passado feudal como exemplos do poder feminino. Super-heróis negros e femininos surgem ao lado dos tradicionais heróis brancos do sexo masculino. É claro que se pode dizer: ótimo, que assim seja. E, de fato, ficamos felizes em contemplar essa nova diversidade. O problema é o seguinte: hoje, a glorificação e a celebração da representação bem-sucedida das "minorias" dentro da classe dominante são apresentadas como "esquerdistas". E isso é o que é realmente surpreendente. Tradicionalmente, ser de esquerda significava ficar do lado dos pobres contra os ricos - não do lado de uma princesa contra um príncipe. Hoje, ser de esquerda significa cada vez mais ficar do lado dos membros da "minoria" da classe alta contra os membros da "maioria" da classe alta. Assim, critica-se o teto de vidro que impede as mulheres de se tornarem CEOs de grandes corporações, em vez de perguntar se tornar-se CEO é um objetivo que os esquerdistas deveriam aprovar.

Na verdade, essa nova solidariedade vertical passa a ser dirigida contra os pobres e explorados porque sugere que a ordem dominante estaria perfeitamente okay se apenas a composição racial e de gênero da classe alta refletisse a distribuição estatística das características de identidade da população em geral. As histórias individuais de sucesso dos representantes de diferentes minorias são celebradas como grandes vitórias e sinais de mudança social. Mas, é claro, elas não mudam nada. Pessoas comuns de todas as cores e gêneros permanecem onde sempre estiveram. A distância econômica entre os super-ricos e a massa da população está aumentando - e a classe globalizada de super-ricos inclui traders de Wall Street e CEOs do Vale do Silício, além de sheiks dos Emirados Árabes Unidos e banqueiros de Hong Kong. Raça e gênero não desempenham nenhum papel aqui - somente o dinheiro. No século XIX, Marx pediu a criação de uma

Internacional dos trabalhadores - uma Internacional que deveria se opor à burguesia nacional dos países europeus e não europeus. Hoje, temos uma inversão completa: a burguesia internacionalizada controla uma classe trabalhadora fragmentada por diferentes identidades. É verdade que, sob a pressão dos pedidos de representação proporcional, as elites políticas e econômicas se tornaram cada vez mais inclusivas. Entretanto, elas incluem apenas aqueles que estão prontos para defender seus interesses de classe - em um entendimento marxista muito tradicional da palavra. Seus corpos podem se parecer com os corpos de seus irmãos e irmãs das classes mais baixas, mas suas mentes funcionam de maneira diferente.

Assim, a população trabalhadora começa a sentir que as elites a traíram e que agora é o momento de fazer algo a respeito. A pergunta é: o que deve ser feito? Historicamente, conhecemos apenas duas respostas para essa pergunta: socialismo ou nacionalismo. É óbvio que, pelo menos no momento, as populações dos países ocidentais rejeitam a opção socialista e tendem a aceitar a opção nacionalista. A razão para isso também é bastante óbvia: trata-se de um efeito da vitória do globalismo neoliberal sobre o internacionalismo socialista no final da Guerra Fria. De fato, durante o período histórico após a queda do Muro de Berlim, a esquerda ocidental foi sistematicamente destruída - primeiro os partidos comunistas ocidentais e depois a social-democracia. Todos os modelos socialistas, radicais ou moderados, foram declarados ineficientes do ponto de vista econômico, historicamente desacreditados e obsoletos. Portanto, nas últimas décadas, formou-se um certo consenso: o socialismo é economicamente ineficiente e, em geral, ruim. Entretanto, há um aspecto que o liberalismo compartilha com o socialismo: o internacionalismo. Ambos rejeitam a opção nacionalista. Mas há, é claro, uma diferença entre o internacionalismo socialista e o globalismo neoliberal.

O internacionalismo socialista se baseia na solidariedade internacional, enquanto o globalismo neoliberal se baseia na concorrência global. O socialismo, por ser baseado na solidariedade, é ineficiente no contexto da concorrência universal. Se alguém acredita que a competição é o que as pessoas devem fazer, o socialismo é automaticamente descartado. E isso é, de fato, o que a ideologia neoliberal acredita: a concorrência faz os negócios florescerem. É claro que a crença na concorrência também pressupõe que ela seja justa. Mas quem é responsável pela imparcialidade da concorrência global e como podemos diferenciar a concorrência justa da injusta?

E aqui a política de identidade "esquerdista" encontra seu lugar. Ela diz: a concorrência justa leva a uma composição não-distorcida de identidade da classe alta - uma composição que reflete corretamente a composição de identidade das classes mais baixas. Esse critério gera protestos na medida em que a classe alta continua sendo um espelho torto e distorcido. Mas o que deve acontecer como resultado desse protesto? Qual é o objetivo da política de identidade? Não é o surgimento de uma sociedade sem classes, mas de uma sociedade em que a classe alta inclua proporcionalmente todas as identidades que podem ser encontradas nas classes mais baixas - mesmo que a maioria da população continue tão pobre e explorada quanto antes. Quando essa meta for alcançada, a política de identidade passará da crítica ao capitalismo para sua afirmação. Essa virada já é sentida hoje, pois cada vez mais os recém-chegados de identidades anteriormente negligenciadas são celebrados quando entram na classe alta e, assim, corrigem o espelho social. Se virmos que as pessoas que compartilham nossa identidade são bem-sucedidas e ricas, parece que não temos motivo para lamentar o fato de ainda sermos perdedores e pobres, porque há uma chance de nossos filhos ou netos vencerem a competição pelos melhores representantes de suas identidades e emergirem no espelho mágico do sucesso em algum momento no futuro.

Boris Groys é filósofo, ensaísta, crítico de arte, teórico da mídia e um especialista de renome internacional em arte e literatura da era soviética, especialmente a vanguarda russa.

Recebido em 30 de junho de 2023 e aceito em 1º de setembro de 2023

Este é um artigo publicado em acesso aberto sob uma licença Creative Commons.